

## **A expansão da indústria de confecções no sudoeste do Paraná**

Danielli Batistella Saquet\*

### **Resumo**

A industrialização no Sudoeste paranaense é um processo bastante recente. Teve início na década de 1970 com os setores madeireiro, mobiliário e alimentício. Porém, é a partir do final dos anos 1980 que começa a diversificação nos ramos industriais. Surgem novos ramos, não ligados diretamente à produção agrícola, como as indústrias de plásticos, de eletrodomésticos e a de confecções. O ramo de confecções possui o maior número de estabelecimentos e pessoal ocupado no Sudoeste provocando mudanças significativas na economia regional, principalmente, onde há concentração através dos chamados parques industriais. Tal expansão está relacionada com os incentivos infra-estruturais e tributários de prefeituras municipais aos industriais e com a mão-de-obra extremamente barata.

**Palavras-chave:** Indústria; Confecção; Mão-de-obra; Dinâmica espacial.

The clothing industry expansion in the south-west of Paraná State

### **Abstract**

The industrialization in the south-west of Paraná State is a recent process. It has begun in the 70ths with the wood industry, furnishings, real state market and food sectors. But, it is after the end of 80ths that starts the process of industrialization in other areas not linked directly with agricultural production, for instance plastic

---

\* Geógrafa e especialista em Geografia (danisaquet@hotmail.com).

industries, household appliances and clothing. The clothing area has the biggest number of employees of the south-west, causing significant changes in the regional economy, mainly, where there is a concentration of industrial parks. This expansion is connected with the local government infrastructure and tributaries incentives to the industries and with the extremely cheap work force.

**Key words:** Industry; Clothing; Work Force; Spacial dynamic.

### **Apresentação**

Nosso objetivo principal é compreender os principais motivos que levaram à expansão da indústria de confecções no Sudoeste do Paraná. Para tanto, procuramos, ao fundamentar a pesquisa, resgatar como se deu o processo de desenvolvimento industrial brasileiro e paranaense, através de uma reflexão teórica baseada em autores como Caio Prado Jr., Celso Furtado, Ignácio Rangel, Armem Mamigonian, Pedro Calil Padis, Luciana Bastos, entre outros. Estes nos auxiliaram a entender o processo de industrialização, apesar das diferentes correntes do pensamento econômico. Também fizemos levantamento de dados secundários como os do IPARDES, IBGE, SINVESPAR, e dados primários, através de entrevistas nas principais indústrias de confecções da região e em instituições que representam este ramo.

Concordamos com Mamigonian (1965) que pesquisar a geografia da indústria requer algumas perguntas essenciais. Ou seja: como nasceram essas indústrias? Quais suas características geográfico-econômicas? Quais as conseqüências dessa atividade industrial no quadro espacial? São questões que tentamos responder.

A industrialização brasileira, que se acentua a partir da década de 1930, foi fortemente influenciada por políticas estatais e teve como principal objetivo, nesse período, substituir importações, como afirmaram Ignácio Rangel e Celso Furtado. O país industrializou-se, o que provocou a rápida urbanização das cidades brasileiras, resultado de um grande êxodo rural ocorrido entre as

décadas de 1940 e 1980. Esse processo de industrialização tendeu a se concentrar em São Paulo, levando os outros estados a uma condição periférica.

Com a concentração industrial em São Paulo, outras regiões e estados do país configuraram-se como dependentes. O Paraná era visto como um Estado comprador de produtos industrializados de São Paulo e fornecedor de produtos primários. No entanto, o Governo passou a investir na industrialização, subsidiando empresas e aproveitando, na década de 1970, a boa fase da economia brasileira.

Nesse contexto, o estado do Paraná teve um grande impulso industrial na década 1970, a partir de uma infra-estrutura que se instalara no final dos anos 1960. Esta foi impulsionada pela criação de companhias de eletricidade como a COPEL; de saneamento básico como a SANEPAR, e do banco de desenvolvimento (BADEP).

A Região Sudoeste do Paraná, colonizada a partir da década de 1940 por gaúchos e catarinenses como área de expansão da fronteira agrícola, permaneceu até o final dos anos 1960 relativamente isolada. A região integrou-se ao sistema econômico paranaense a partir da construção de algumas rodovias que passaram a ligá-la com outros lugares. Outro fator importante foi o desenvolvimento das primeiras indústrias na região com a implantação da energia elétrica, o que impulsionou a criação das primeiras manufaturas.

Nos anos 1940, o Governo Federal manifestou o interesse de intensificar a ocupação do Oeste do Brasil, concentrando esforços a fim de estabelecer uma via de comunicação que pusesse fim ao isolamento territorial de algumas áreas fronteiriças. Assim, no Sudoeste do Paraná, uma das atividades realizadas foi a construção da estrada União da Vitória-Palmas-Clevelândia e, mais tarde, com ligação a Pato Branco. Outro acontecimento importante para a ocupação efetiva do Sudoeste foi a criação da Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO), em 1943. Isso fez com que o

Sudoeste recebesse um grande fluxo migratório de gaúchos e catarinenses.

O complexo econômico do Sudoeste paranaense teve pelo menos dois movimentos distintos: o madeireiro, com a exploração predatória das grandes reservas de pinhais, e o pecuário, de caráter extensivo. Essas atividades criaram condições para o aparecimento de atividades complementares, principalmente, em Pato Branco e Francisco Beltrão.

Com o processo de colonização, uma das principais características foi a implantação de uma estrutura fundiária baseada em pequenas propriedades, o que favoreceu, com a modernização da agricultura, o êxodo rural para algumas cidades da região. Outra parte da população que não pôde ser absorvida por atividades urbanas no Sudoeste, teve que migrar para outros estados buscando novas terras para o cultivo agrícola.

De acordo com Padis (1981), as condições *físicas* e econômicas da região, no início dos anos 1950, eram bastante precárias. No entanto, devido à falta de integração na economia paranaense, os migrantes intensificavam os vínculos com seus lugares de origem, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, reproduzindo suas atividades econômicas e culturais.

A partir de 1960-62, o Sudoeste paranaense começa a se configurar como uma região de significação econômica. As rápidas transformações processaram-se com um considerável aumento da renda monetária da população, aumentando a demanda de bens manufaturados. Isso provocou a multiplicação de estabelecimentos comerciais e o incremento dos centros urbanos existentes. A criação de novas cidades provocou a diversificação do setor de serviços e outras atividades.

No sudoeste paranaense, em 1980, já existiam 830 estabelecimentos industriais, com 9.599 pessoas ocupadas. Em 1985, esse número cai para 629 estabelecimentos e 8.527 pessoas ocupadas. A queda foi de 26% no número de unidades industriais, entre 1980 e 1985 e 11% no número de pessoas ocupadas, de acordo com os Censos Econômicos do IBGE.

Desde o início da década de 1990 surgem projetos agroindustriais e infra-estruturais respaldados pela perspectiva de maior interiorização da economia paranaense, visando a desconcentração industrial. Esta se dá porque algumas áreas do Estado apresentam vantagens quanto à qualidade de vida, localização estratégica, porto, estradas, mercado consumidor e baixo custo de mão-de-obra, o que favorecerá algumas cidades e/ou regiões. Lentamente, também acontecerá um processo de concentração em algumas cidades do Sudoeste.

A industrialização no Sudoeste paranaense é um processo bastante recente. Teve início com os setores madeireiros, mobiliários e alimentícios. No entanto, é a partir do final dos anos 1980 que começa a se efetivar uma diversificação nos ramos industriais da região, conforme revelam os dados do IBGE e do IPARDES. Os novos ramos industriais não estão ligados diretamente à produção agrícola, como as indústrias de plásticos, de eletrodomésticos e, especialmente, a indústria de confecções. O ramo de confecções, atualmente, possui o maior número de estabelecimentos e pessoal ocupado no Sudoeste, provocando mudanças significativas na economia regional, principalmente, onde há concentração através dos chamados parques industriais.

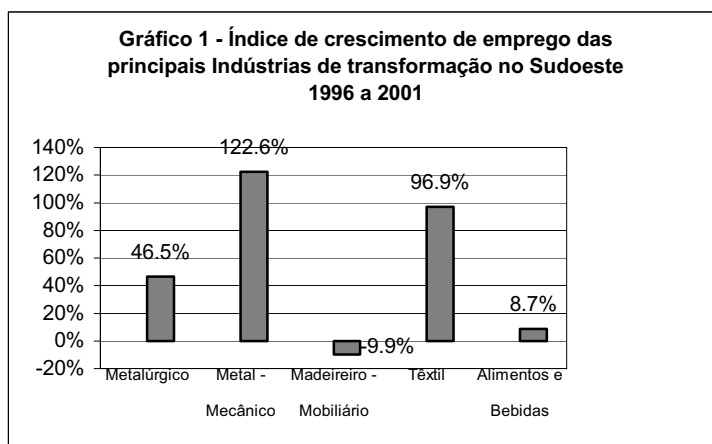
### **A expansão da indústria de confecções**

A expansão da indústria de confecções no Sudoeste do Paraná faz parte de um processo mais amplo, inerente à expansão do capitalismo no Brasil. Este ramo vem tendo um crescimento constante tanto em número de empresas como na geração de empregos, como mostra o gráfico 1.

Os ramos da indústria de transformação que mais se destacaram na geração de empregos, entre 1996 e 2001, foram os metal-mecânico e têxtil. Já os ramos voltados à industrialização de matérias-primas locais, como o de alimentos/bebidas e o madeireiro-mobiliário, tiveram menor índice na geração de empregos.

Conforme os dados do IPARDES (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social), o setor industrial do

Sudoeste do Paraná contava com 870 estabelecimentos em 1995 e com 1.413 em 2002, oferecendo, respectivamente, 9.833 e 17.672 postos de trabalho, com uma evolução positiva de 80%. Nesta base industrial predominam ramos como o metalúrgico, metal-mecânico, madeireiro-mobiliário, confecções e alimentos/bebidas.



Fonte: TEM-RAIS, SEFA. In: IPARDES, 2003.

Entre os ramos que geram mais de 100 empregos por município, nota-se a presença do madeireiro/mobiliário em sete municípios, destacando-se, na região, empresas como a Marel e a Camilotti, em Francisco Beltrão; a V.W em Coronel Vivida; a Madelei em Verê, entre outras. Já no setor têxtil as indústrias estão concentradas nos municípios de São Jorge D'Oeste, Chopinzinho, São João, Ampére, Francisco Beltrão, Dois Vizinhos e Santo Antônio do Sudoeste.

O ramo de alimentos tem presença significativa em cinco municípios. Destacam-se, na geração de empregos, as empresas Sadia e Perdigão. Já no setor mecânico há maior predominância em Pato Branco e Francisco Beltrão. No ramo metalúrgico, a existência das maiores empresas acontece em municípios como

Ampére, Francisco Beltrão e Pato Branco, destacando-se empresas como S.T. Trefilados, Extremo Sul, Alcast, entre outras.

O segmento que mais vem expandindo-se na região é o de confecções, passando de 82 para 181 empresas no período entre 1995 e 2002. Entre essas unidades produtivas, têm expressividade as empresas Krindges de Ampére, a Ermínia Maria Latreille de Dois Vizinhos, a Confecções Raffer de Francisco Beltrão e a T.M. Indústria de Santo Antônio do Sudoeste.

Por outro foco de análise, percebemos outros elementos importantes deste processo. O SINVESPAR (Sindicato das Indústrias do Vestuário) atua, desde 1992, representando o ramo da indústria do vestuário na região Sudoeste. Envolve 350 empresas que atuam com suas marcas nos mercados regional, estadual, nacional e internacional, interligando cada empresa e o Sudoeste a outros lugares através de redes de comunicação e circulação.

Atualmente, desenvolve projetos para a implantação do Pólo do Vestuário no Sudoeste em parceria com o SEBRAE, o SENAI, o SESI, Prefeituras Municipais (Secretarias de Indústria e Comércio), instituições de ensino (Fadep de Pato Branco e Unisep de Dois Vizinhos), Caixa Econômica Federal, Associações Comerciais e Empresariais e com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

As indústrias de confecções possuem apoio para a qualificação na mão-de-obra. Isso ocorre através de 11 escolas de qualificação de mão-de-obra (Pato Branco, Francisco Beltrão, Dois Vizinhos, Santo Antônio do Sudoeste, Chopinzinho, Barracão, Planalto, Ampére, Santa Izabel do Oeste, Nova Prata do Iguazu e Salto do Lontra), 01 curso de Tecnologia do Vestuário (Dois Vizinhos), um curso de pós-graduação em Design da Moda (Pato Branco), 01 curso Técnico em Confecções (pós-médio em Pato Branco) e 01 escola itinerante de formação de Técnicos em Manutenção de Máquinas.

Esse conjunto de ações também revela que diferentes segmentos da sociedade, com escolas nos níveis médio e superior,

além de prefeituras e outras instituições públicas e privadas, como industriais, estão nessa organização social, econômica e política.

Entre os projetos e programas do SINVESPAR em parceria com as demais entidades, estão: Projeto Moda Sudoeste do Paraná, Projeto Pólo do Vestuário do Sudoeste, Apex/Vestpar, Escolas de Capacitação de Mão-de-Obra e o Centro Tecnológico do Vestuário ([www.sinvespar.com.br](http://www.sinvespar.com.br)). De acordo com as informações do presidente do SINVESPAR descritas no Jornal de Beltrão (19/10/2005):

...as indústrias de confecções produzem uma média anual de 16 milhões de peças, 38% desta produção sai das empresas localizadas na fronteira (505 mil peças/mês). Na região da fronteira as empresas se dedicam principalmente à fabricação de moda masculina e nos municípios próximos de Francisco Beltrão a produção das empresas é mais diversificada. (...) As empresas de confecções estão entrando num novo patamar de conhecimento, de novos métodos e gestão. Estes avanços devem-se aos constantes treinamentos de empresários e seus funcionários, à participação em eventos estaduais, nacionais e internacionais, cursos promovidos por instituições de ensino e de preparação da mão-de-obra e consultorias.

De acordo com esta mesma fonte, um dos motivos da expansão do setor de confecções na região é o trabalho desenvolvido pelo sindicato, SEBRAE e SENAI. A partir disso, no ano de 2005, foi criado um APL (Arranjo Produtivo Local), uma espécie de associação das indústrias do vestuário com o objetivo organizar, reconhecer e divulgar a moda do Sudoeste. Assim, consegue-se melhor preço na compra de maquinários, treinamento da mão-de-obra e melhor preço na venda dos produtos.

Diante da atual política econômica, para o SINVESPAR, houve uma redução das taxas de impostos para as micro e pequenas empresas a nível estadual, porém, devido à valorização do real, desfavorecem-se as exportações de confecções. Mesmo diante da concorrência de seus produtos com os asiáticos, a maioria das empresas com marca própria investe na qualidade dos produtos como forma de enfrentar esta concorrência. Como exemplo disso, a



empresa Raffer Confecções teve destaque nacional em qualidade na linha executiva com a fabricação de ternos e roupas sociais.

Vítor Tiocheta, responsável pelo SEBRAE na organização das indústrias de confecções, destaca os seguintes pontos fundamentais na expansão da indústria do vestuário: a infraestrutura existente, a atuação de sindicatos, as escolas de formação de técnica e o apoio de prefeituras. Em São Jorge D'Oeste, por exemplo, desde 1998, concedem-se incentivos infra-estruturais e tributários às indústrias de confecções Ermínia Maria Latreille e Pó do Pano.

Outro fator da expansão é o baixo custo para se montar uma facção, podendo o empresário possuir apenas duas máquinas de costura. Isso é associado à necessidade de grandes empresas têxteis de São Paulo terceirizarem seus serviços. Segundo Antunes (2003), cada vez mais as grandes empresas estão horizontalizando os seus serviços e acentuando a divisão territorial do trabalho.

Entretanto, essa expansão vem apresentando algumas dificuldades, tais como a falta de mão-de-obra qualificada, principalmente, para máquinas especiais. Junta-se a isso a falta de uma marca própria para algumas empresas por se aterem somente a prestação de serviços. A pesquisa feita pelo SINVESPAR, no ano de 2004, aponta a falta da mão-de-obra qualificada e a carga tributária imposta pelo Estado como principal dificuldade enfrentada por empresas de confecções na região. De qualquer modo, utilizam trabalhadores da região, pagando baixos salários.

De acordo com o depoimento da presidente da SINDICOFABE (Sindicato dos Empregados nas Indústrias do Vestuário e Confecções em geral de Francisco Beltrão/PR), houve um aumento no número de empregos e empresas no setor de confecções, embora as empresas terceirizadas (facções) não sejam consideradas pelo sindicato como indústrias, mas como prestadoras de serviços para empresas maiores.

Esse aumento do número de facções é variável, pois muitas abrem e já entram em processo de falência. Há uma coexistência de empresas novas e outras que deixam de existir. Isso ocorre em

virtude do exposto anteriormente e porque muitos empresários enganam-se com os ganhos do trabalho de facção para empresas de São Paulo, pois não têm conhecimento e experiência no setor e iludem-se com os benefícios que muitos podem receber de prefeituras, como barracões, terrenos etc. Desse modo, o principal motivo da falência de muitos estabelecimentos é a falta de conhecimento na área, o que leva muitos a produzirem roupas de baixa qualidade.

Para Rangel (1980), a expansão de uma indústria pode significar o desenvolvimento de uma das seções auxiliares de uma empresa enquadrada noutra indústria. Isso significa que muitas empresas do Sudoeste, já consolidadas no setor do vestuário, como também grandes empresas do Estado de São Paulo procuram os pequenos estabelecimentos de confecções do Sudoeste do Paraná para terceirizarem parte de seus serviços como a costura, a lavagem, entre outros. Como exemplos de terceirização podemos citar as empresas Krindges, Latreille e a Pó do Pano de São Jorge D'Oeste (presta serviços à C&A de São Paulo).

Essa é uma característica da indústria de confecções no Sudoeste do Paraná, intimamente atrelada às prefeituras municipais, através das chamadas políticas de desenvolvimento e à expansão das maiores indústrias da região e de São Paulo, que envolvem pequenos empresários e trabalhadores de outros lugares do Brasil, em virtude dos baixos salários pagos, como mostra o quadro 1.

As políticas públicas municipais, de fato, são decisivas, pois através delas, um empreendedor não precisa, necessariamente, ter uma grande quantidade de capital para investimento. As prefeituras, de maneira geral, concedem os terrenos, a infraestrutura básica, isenções de impostos... atuando efetivamente, inclusive através da mídia televisiva (propaganda de atração), na instalação de novas unidades produtivas em cada município.

Ao mesmo tempo, há uma diferença salarial significativa dos trabalhadores da indústria têxtil/confecções do Sudoeste comparada com alguns pólos têxteis do país. O salário inicial na

região, adotado pelo sindicato, é de R\$ 300,00<sup>1</sup>, já em São Paulo/SP é de R\$ 451,00. Isso ocorre, provavelmente, em virtude das diferenças no custo de vida nas referidas regiões. O baixo custo de vida é utilizado para justificar os baixos salários pagos. Ora, esse é um motivo bastante forte para empresas do Estado de São Paulo terceirizarem seus serviços para pequenas confecções do Sudoeste. Ao mesmo tempo, sabemos que o valor salarial pago aos trabalhadores em São Paulo dá-se pela forte atuação do sindicato e pelo custo do transporte para os trabalhadores ou, de forma geral, pelo alto custo da reprodução da força de trabalho.

**Quadro 1:** Comparativo dos pisos salariais dos trabalhadores da indústria do vestuário de alguns pólos têxteis do Brasil com o Sudoeste do Paraná (em R\$)

SINDICATOS PISO SALARIAL	Sudoeste do Paraná	Jaraguá do Sul - SC	Blumenau - SC	São Paulo - SP
	<b>Inicial</b> (Sem qualificação)	300,00	410,00	396,00
<b>Normativo</b> (Costureira, passador e cortador)	373,00	500,00	525,00	592,00

Fonte: Sindicato do Vestuário, Fiação e Tecelagem de Jaraguá do Sul; Sindicato do Vestuário de Blumenau; Sindicato do Vestuário de São Paulo; Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Confecção de Francisco Beltrão. Fevereiro e março de 2006.

O Sudoeste do Paraná, a partir da década de 1990, passa a ter uma nova dinâmica regional, aumentando bruscamente o número de indústrias em diversos ramos e acentuando o crescimento das cidades em decorrência do aumento do número de empregos oferecidos.

<sup>1</sup> Este valor salarial foi levantado durante o mês de março de 2006, quando não havia ainda o aumento do salário mínimo nacional.

De acordo com os Censos Demográficos do IBGE, a população total do Sudoeste do Paraná, em 1970, era de 446.360 habitantes; 18% residentes na área urbana e 82% no espaço rural. No ano de 2000, há uma mudança no local de residência da população, num total de 366.203 habitantes; agora 60% destes residem na área urbana e 40% no espaço rural. Além do grande êxodo rural na região, houve também a redução da população total. E, conseqüentemente, um aumento substancial de pessoas residindo nas cidades.

Tal fenômeno coloca à disposição das indústrias localizadas nas cidades um contingente considerável de mão-de-obra necessitando trabalhar. Há, disponível no mercado, trabalhadores para as indústrias, apesar de seu baixo nível geral de qualificação. Este é um dos principais fatores, juntamente com os incentivos municipais, o baixo custo de investimento de capital e a demanda de um mercado consumidor, que provocou o crescimento do ramo de confecções no Sudoeste do Paraná.

### **A dinâmica espacial das principais indústrias de confecções no sudoeste**

Com a abertura da economia brasileira na década de 1990, o acirramento da competição mundial e com a consolidação de diversos produtos de baixo custo, basicamente asiáticos, promoveram radical transformação no setor têxtil. As empresas mais atingidas foram as de menor porte, com atuação exclusiva para o mercado interno e baixo nível tecnológico.

O setor têxtil nacional foi muito afetado pela abertura da economia a partir de 1990, a qual não estabeleceu, de imediato, mecanismos que pudessem proteger a indústria nacional contra as importações subfaturadas, provocando um certo *dumping* comercial.

As mudanças mais gerais na reestruturação produtiva, que aconteceram em nível internacional, apontaram para um novo padrão de concorrência, baseado não apenas em preços, mas também em qualidade, flexibilidade e diferenciação de produtos, além da própria organização do comércio intrablocos. Muitas

empresas utilizam os avanços tecnológicos alcançados e a mão-de-obra barata de alguns países periféricos que passaram a atuar crescentemente na confecção de vestuário, por exemplo.

Tal processo, que é contraditório, manifesta-se no Sudoeste do Paraná, como indicamos, onde as empresas de confecções tiveram expansão em número de empregos e estabelecimentos, fato este que tentamos demonstrar a partir do estudo realizado nas empresas Krindges, Raffer e Latreille.

### **A Krindges Industrial Ltda.**

O início da Krindges deu-se em meados de 1960, quando a família Krindges, de origem alemã, saiu de Venâncio Aires/RS para Guaraciaba/SC, onde iniciaram seus negócios com uma pequena loja de confecções. Nessa confecção, os irmãos Maria Carmelita, Renato, Luis e Jorge Krindges, desde cedo, aprenderam costurar com a mãe fabricando roupas masculinas. Os irmãos Renato e Luis mantinham comércio com outros lugares da região através da venda de outros produtos como quadros, botas de couro, etc. Foi através dessas vendas que tiveram a oportunidade de conhecer o Paraná, em especial Ampére, local que acharam viável para abrir uma loja filial.

Em 1977, eles se estabeleceram em Ampére inaugurando uma loja, cujo nome era LEONI. Em 1982, abriram uma pequena confecção de calças com 20 funcionários e produziam 3.500 peças/mês, para atender a necessidade da própria loja e região. Em 1989, teve início na cidade a indústria de confecções AICONE que tinha como sócio Jorge Krindges da LEONI e seu sogro Alci Honório Fistarol. Essa empresa iniciou com 15 funcionários e uma produção de 3.000 peças/mês, confeccionando roupas masculinas.

Nesse mesmo ano, a Prefeitura Municipal de Ampére, com a necessidade de retomar o crescimento do município devido à grande evasão de famílias, incentivou a industrialização. Ofereceu incentivo à empresa AICONE construindo um barracão. Em 1991, a indústria já contava com 120 funcionários produzindo 20.000

peças/mês e, assim, foi conquistando mercados e expandindo-se em vários lugares do Brasil.

No ano de 1997, a empresa AICONE contava com 460 empregos diretos, enquanto a empresa Krindges e Filhos Ltda. contava com 640 funcionários. No ano de 1998, a Krindges e Filhos Ltda. e a Indústria e Confecções AICONE optaram pela fusão com o objetivo de diminuir custos e unir forças. Assim, passou a chamar-se Krindges Industrial Ltda. A Prefeitura Municipal de Ampére, através da Lei de Incentivos à Indústria, construiu novos barracões para a empresa que, em contrapartida, aumentou a geração de empregos. Atualmente, a empresa conta com 1.500 funcionários em Ampére e 190 em sua filial de São Miguel do Iguaçu (PR).

Esta empresa possui um escritório regional em São Paulo, seu ponto central para compra, venda e pesquisa de mercado. A Krindges adquire a matéria-prima das empresas Têxtil Renault de Brusque/SC, Horizonte Têxtil de Belo Horizonte/MG, Têxtil Fávera, Têxtil Carvalho, G.L. de Americana/SP e também da Santista Têxtil de Tatuí/SP. A comercialização da produção é feita através de representantes em quase todo o Brasil, com exceção dos Estados do Amazonas, Acre, Roraima e Tocantins.

A empresa possui um único turno de trabalho de 44 horas semanais, não necessitando de banco de horas e hora extra. Possui *cronoanalistas* que desenvolvem o *layout* da produção verificando o tempo de duração de determinado modelo e a quantidade de produção de cada funcionário. A empresa oferece incentivo de produção ao funcionário que ultrapassa a produção padrão.

A Krindges trabalha com cerca de 70% de sua produção com marca própria e 30% é terceirizada, destinando-a para magazines e varejo como a *Renner* e a *C & A*, abrangendo os países do Mercosul e produzindo principalmente roupas masculinas. Recentemente, vem-se adaptando para aumentar a produção de peças femininas. A empresa possui diversas marcas como a *Guilherme Ludwig*, *AICONE*, *LEONI* e a *Kanwin*, *Ampervest* e *Docthos* e trabalha com

duas linhas básicas: a social e a Sportwear. Seus produtos são: calças, camisas, bermudas, jaquetas e ternos variados.

Em 1998, o mercado externo correspondia a 5% do seu faturamento anual e, cada vez mais, a indústria vem buscando seu espaço no exterior. Porém, afirma a sócia Maria Carmelita Krindges que “a integração com o mercado externo é lenta, pois o risco de exportar é muito grande”.

O estoque é mínimo, pois se fabrica para atacado e varejo apenas por encomenda. As coleções são renovadas constantemente para manter as vendas. A manutenção do maquinário de origem nacional é feita por profissionais treinados e exclusivos da empresa. A indústria ocupa 20.600 m<sup>2</sup> de área, e esse espaço comporta toda a cadeia produtiva, contendo equipamentos de enfesto e corte automático, máquinas de costura eletrônica, lavanderia e tinturaria automatizada, passadoria, departamento de embalagens, expedição e administração.

Cerca de 70% do lucro da empresa é destinado a novos investimentos na indústria, principalmente maquinário. Como a mão de obra precisa ser especializada, a empresa oferece curso de costura industrial internamente, visto que os cursos oferecidos pela prefeitura não são suficientes para a demanda da empresa. O município de Ampére teve crescimento populacional urbano, na década de 1990, em decorrência da busca de empregos oferecidos pela empresa Krindges, por exemplo. Nesse sentido, o município teve, no período de 1970 a 2000, um crescimento de 18% na população total e 342% na população urbana (conforme o censo demográfico do IBGE).

### **Confecções Raffer Ltda.**

Esta empresa surgiu, em 1977 quando o proprietário Sr. Osmar Mazetto abriu, no município de Francisco Beltrão, uma alfaiataria chamada Beira Rio. A sua experiência no setor veio da sua profissão de alfaiate, tendo trabalhado, desde o ano de 1966, na Alfaiataria Elite, neste mesmo município. Como presente de casamento, ganhou do sogro um terreno, onde construiu sua

primeira casa e durante 11 anos exerceu a profissão de alfaiate, acumulando vasta experiência juntamente com sua esposa. Em 1977, Osmar conseguiu comprar um lote financiado pelo banco. Formava-se, então, a RAFFER [a sigla de sua razão social significa a fusão do nome dos dois filhos do casal: (Raf)(ael) e (Fer)(nanda)].

A Raffer Confecções teve seu salto a partir de 1995, num momento em que o ramo de confecção teve uma abertura de mercado. De acordo com o depoimento de Claudemir Bordignon, antes o mercado era mais fechado, as pessoas consumiam menos roupas. A empresa conta atualmente com 240 funcionários trabalhando num turno único de 44 horas semanais, de segunda a sexta-feira. A empresa evita horas extras, pois trabalha com planejamento de produção.

O mercado consumidor situa-se em quase todos os estados brasileiros, exceto os *Sobretudos*, que são comercializados exclusivamente na região sul do País, porque o clima frio da região é propício à comercialização desse produto. Utilizam um caminhão alugado como meio de transporte de suas mercadorias. A matéria-prima desta indústria é: botões (200 grosas/mês – oriundas de São Paulo) e tecido (10.000 metros/mês – oriundos do RS, SP, MG, China e Coréia). A produção total da indústria é de 6.000 peças mensais. A indústria possui um conjunto de 120 máquinas empregadas no processo produtivo. Possui 1 edificação própria com extensão total de 3.000 m<sup>2</sup>.

A produção da empresa é toda voltada para o social masculino e feminino com linha executiva. Com produção de 8 a 10.000 peças/mês vendidas para todo Brasil, com exceção do Estado do Amazonas. Os períodos de maior produção são as entradas de inverno e verão porque, segundo a direção, há maior procura pelo consumidor de roupas. Compram a matéria-prima dos revendedores de tecidos das importadoras de países como Uruguai e China. A comercialização dos produtos é feita através de transportadoras como a Expresso São Miguel e Mercúrio.

A Raffer Confecções tem recebido muitos convites de prefeituras dos municípios da região para abrirem filiais. No



entanto, essas políticas de fomento não chegam a ser a base principal para a industrialização, mas é uma forma de deslocamento de algumas indústrias ou facções. Essas empresas só terão condições de deslocar sua produção se tiverem demanda de consumo para suas mercadorias.

Entre as principais dificuldades encontradas pela empresa, assim como para todas as outras do ramo têxtil, está a concorrência do mercado chinês com produtos a baixo preço. No entanto, a Raffer investe na qualidade dos produtos, pois acredita que somente assim o consumidor optará pela marca nacional. A falta de qualificação de mão-de-obra também tem sido um dos problemas encontrados pela empresa. No entanto, algumas instituições como SESI e SENAI têm oferecido treinamento aos funcionários. Ao mesmo tempo, alguns reclamam dizendo que essas instituições usam algumas *técnicas ultrapassadas*, ou seja, essas instituições oferecem cursos utilizando máquinas de costura de manuseio simples, já a Raffer Confecções possui a maioria dos maquinários automatizados, havendo necessidade de os funcionários receberem novo treinamento quando começam a trabalhar na empresa.

Sobre a expansão da empresa, no momento, há interesse em expandir somente através de lojas e não com a fabricação. Atualmente, a Raffer possui sete lojas espalhadas nos municípios de Pato Branco, Francisco Beltrão, Toledo, Londrina, Cascavel, Chapecó e Concórdia/SC; planeja, ainda, abrir mais quatro lojas.

### **A Ermínia Maria Latreille Ltda.**

A indústria de confecções Latreille iniciou suas atividades, em março de 1979, quando três dos oito irmãos da família instalaram-se no município de Dois Vizinhos provenientes da cidade de Quilombo/SC. A iniciativa da família na indústria têxtil deu-se pelo fato das três irmãs proprietárias trabalharem em uma indústria de confecções, conhecendo a prática na cidade de Quilombo.

Atualmente, são sete sócios, todos irmãos. Quando começou sua atividade, a empresa era muito pequena, possuía poucas máquinas e a própria família é que trabalhava. A partir daí, teve-se a idéia de

aumentar a produção, financiando máquinas novas. De acordo com Marder (2004), no ano de 1990, a empresa fez novos investimentos em tecnologia, na confecção em alta escala e abrindo novos postos de trabalho com recursos financiados pelo BRDE, BNDES e outros bancos. Houve a edificação do parque industrial situado na área rural e adquirido pela família quando chegara à cidade.

A empresa cresceu gradativamente com recursos próprios. Porém, houve algumas dificuldades como a falta de mão-de-obra qualificada, a concorrência, representantes e inadimplência. No ano de 1998, a empresa fez uma parceria com a agência de propaganda dos cantores Zezé di Camargo e Luciano e começaram a produzir roupas com o nome dos cantores. Os resultados desta parceria foram significativos, dando marketing à empresa.

Nos últimos 10, anos a empresa atingiu a produção aproximada de 7.000.000 (sete milhões de peças). Sua matriz situa-se em Dois Vizinhos e suas filiais em São Jorge D'Oeste e Cruzeiro do Iguaçu foram criadas a partir de incentivos *físicos* e tributários que esses municípios ofereceram para a indústria como estímulos para geração de empregos.

Conforme o depoimento do diretor geral, a matéria-prima é adquirida das empresas Santista, Canatiba e Vicunha de São Paulo – SP. As linhas e zíperes são de São Paulo - SP, e os botões da LDB e Éber de Caxias do Sul - RS. Os tecidos são cortados na matriz em Dois Vizinhos. Assim, os funcionários da empresa de São Jorge e Cruzeiro do Iguaçu só costuram, o que revela, internamente, uma divisão social e territorial do trabalho; dispõe de meio de transporte próprio; a quantidade de matéria-prima vinda da matriz para a empresa confeccionar é a mesma da produção, pois este é um tipo de produção na qual não há perda. O que ocorre é a queda de qualidade dos produtos, que são classificados na ordem de 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> linhas.

Logo depois de confeccionados, os produtos das filiais são levados à matriz de Dois Vizinhos, onde são lavados, é feito o acabamento e são embalados. Só então são distribuídos para os representantes e lojistas do Brasil: 30% da região Sul, 30% da

região Sudeste, 20% da nordeste e 20% do Centro - Oeste e Norte, chegando ao consumidor através da própria empresa, que faz o transporte das mercadorias.

Os meses de maior produção são julho e dezembro, pois começa antecipadamente a produção de verão e inverno para que chegue a tempo a mercadoria para o cliente. E os de menor produção são janeiro e fevereiro, pois as vendas ainda não começaram por parte dos representantes, os tecidos ainda não chegaram a tempo para os distribuidores e por ser um período de carnaval e férias.

Entretanto, as constantes valorizações do dólar, a gripe aviária, a quebra no setor calçadista em 2005, a estiagem prolongada na Região Sul, a entrada de produtos asiáticos assim como o fraco inverno de 2006 contribuíram para provocar uma quebra nas vendas da empresa. Em 2005, a empresa tinha mais de 700 funcionários nas três unidades de produção, porém, atualmente, este número não passa de 500. Nesse sentido, a produção mensal da empresa que nos anos anteriores era de 100.000 peças, diminuiu para 60.000.

A produção é destinada para pessoas da faixa etária entre 15 e 40 anos, de ambos os sexos, tornando-se uma produção com características jovens. Os produtos são calças, saias, bermudas para adultos e para crianças como também camisas de manga curta e longa cujos modelos são selecionados pelos próprios proprietários.

A estrutura produtiva interna da empresa tem forma setorizada: cada um executa uma função diferente, dinamizando e agilizando a produção, pois é necessário ter precisão, caso contrário, compromete-se a qualidade da peça com qualquer falha num setor de produção. A empresa conta com 70% das suas máquinas de origem nacional e 30% estrangeira. A entrega dos produtos é feita por transporte aéreo e terrestre, demorando de 5 a 10 dias para o recebimento. Como a empresa não possui frota própria para a entrega de sua produção, ela terceirizou este serviço com as transportadoras Viação Sudoeste, Mercúrio, Correios, Vaspex e outras.

O único problema da força de trabalho existente é que ela não é qualificada na área de costura industrial. Além disso, a Prefeitura Municipal de Dois Vizinhos não oferece mais cursos de capacitação nessa área. É recente esse tipo de trabalho no próprio lugar e região. Assim, não houve uma herança cultural como ocorreu em Blumenau e Brusque, do estado de Santa Catarina, pólos industriais onde os pais trabalham na área de confecção e os filhos aprendem e trabalham na mesma atividade.

De modo geral, entre as unidades produtivas estudadas, observa-se que são de origem familiar. Elas foram crescendo aos poucos. Os investimentos foram feitos através de recursos próprios e com incentivos físico-tributários das prefeituras municipais como nos casos da Latreille, em Dois Vizinhos, e da Krindges, em Ampére; a única que não recebeu incentivos fiscais foi a Raffer Confecções, pois a Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão ajudou apenas a fazer a terraplenagem para o barracão, tendo a empresa que pagar o óleo diesel.

As empresas Krindges, Latreille e Raffer já estão consolidadas no ramo de confecções porque possuem toda uma infraestrutura instalada, produção estabilizada, mercado consumidor e uma marca própria para seus produtos. São empresas que comercializam seus produtos em muitos lugares do Brasil e investem a cada dia na qualidade.

A empresa Latreille costuma terceirizar seus serviços em períodos de maior produção para empresas pequenas. Já a Krindges é uma empresa que, apesar de possuir marca própria, presta serviços às empresas Renner e C&A. Neste ramo, as empresas estudadas são as maiores da região em geração de empregos. Como exemplo, citamos a Krindges que emprega 1.500 funcionários num município de 15.623 habitantes: o que significa 10% da população total. Na expansão deste ramo, nos últimos anos, verificamos anteriormente que um dos principais motivos está relacionado à mão-de-obra barata, consequência do baixo custo de vida na região sudoestina.

Ao mesmo tempo, este processo industrial que ocorre no Sudoeste está relacionado com a reestruturação produtiva do

capital que se desenvolveu no país a partir da década de 1990, oriundo de um ideário japonês e da acumulação flexível nos quais pregam a qualidade total, formas de contratação e terceirização da força de trabalho. Nas empresas pesquisadas, percebemos os baixos salários pagos aos trabalhadores da região e a intensificação do processo de produção que as empresas estudadas utilizam através de incentivos financeiros para os funcionários que obtiveram melhor produtividade mensal.

Nesse sentido, concordamos com Antunes (2003) quando afirma que, no Brasil, verificou-se um processo de desconcentração produtiva, caracterizada pela re-localização industrial em que empresas tradicionais, como a indústria de calçados ou a indústria têxtil, sob a alegação da concorrência internacional, iniciaram um movimento de mudanças *geográfico-espaciais*, buscando níveis mais baixos de remuneração da força de trabalho, acentuando os traços de superexploração do trabalho. É o que percebemos no ramo de confecções no Sudoeste do Paraná, cuja expansão intensificou-se pela prestação de serviços a grandes empresas como a Renner, C&A, entre outras. A baixa remuneração da força de trabalho no Sudoeste caracterizou-se como um dos elementos principais de atração para o fluxo de capital produtivo de grandes empresas têxteis para este lugar.

### **Considerações finais**

As primeiras indústrias na região pertenciam ao ramo madeireiro/mobiliário devido à grande quantidade de árvores nativas de expressivo valor comercial, o que impulsionou o desenvolvimento das madeireiras. No entanto, a partir da década de 1980 começou a acontecer a expansão de alguns ramos industriais no Sudoeste, entre eles os ligados à produção agrícola regional como o da agroindustrialização de carnes, de óleos, de ração, além da fabricação de móveis, entre outros. O mais relevante foi o impulso ocorrido em alguns ramos industriais que não estavam ligados diretamente à produção agrícola regional como o setor de confecções.

O ramo do vestuário vem-se destacando, na região, no aumento da geração de empregos e em número de estabelecimentos. Apesar da crise enfrentada em nível nacional, a indústria de confecções, no Sudoeste teve um crescimento significativo, tornando-se num dos principais na economia regional, principalmente, durante os anos 1990. Dois fatores importantes auxiliaram para este crescimento: a expansão de empresas de São Paulo e os auxílios concedidos por algumas prefeituras locais.

No entanto, em alguns municípios, as políticas de fomento para a industrialização não significam desenvolvimento industrial para a região, pois essas empresas somente terão capacidade de expandir sua produção se tiverem mercado consumidor para seus produtos. Assim, o principal motivo de expansão do ramo de confecções na região está atrelado à mão-de-obra barata, predominantemente feminina, como também ao baixo custo para investimentos de capital fixo (maquinários) para se montar uma empresa.

Nesse sentido, a expansão da capacidade produtiva de algumas indústrias através de filiais, como ocorre nas empresas Latreille e Krindges, são apenas o deslocamento de uma indústria para o município que oferecer maiores vantagens infra-estruturais e tributárias. Vale ressaltar, como mencionamos no texto, a forte presença da mão-de-obra feminina ociosa, parte dela resultante do processo de expansão da mecanização da agricultura que, entre outros efeitos, provocou intenso êxodo rural no Sudoeste do Paraná a partir dos anos 1970.

A partir da análise das entrevistas feitas em algumas instituições como o SINVESPAR, SEBRAE e SESI, percebemos que estas instituições têm se preocupado em organizar a produção, dando assistência às empresas e, também, formando um APL (Arranjo Produtivo Local), com o objetivo de conseguir mais recursos do Estado, comprar equipamentos a baixo custo e conseguir preços melhores na venda de suas mercadorias. Nesse sentido, notamos, também, a importância dada para o Estado como um agente promotor/financiador para o estabelecimento de novas indústrias, bem como um grande favorecedor de tributos.

Nas empresas estudadas, há a preocupação em produzir produtos que tenham qualidade como uma forma de concorrer com as mercadorias asiáticas. Porém, ao mesmo tempo, algumas são dependentes desses produtos, como no caso da Raffer, ao utilizar como matéria-prima tecidos sintéticos provenientes da China.

Assim, percebemos que o principal motivo que leva ao crescimento da produção de confecções na região é justamente a mão-de-obra barata. Esta se constitui em função do baixo custo de vida que a região possui, se comparado com algumas cidades pólos do vestuário como São Paulo/SP e Brusque/SC, onde os trabalhadores possuem maiores salários devido ao custo de vida maior, de um sindicato mais atuante, do custo maior de moradia e da necessidade de transporte (de casa até o trabalho). Por isso, muitas empresas do ramo têxtil como a C&A e Renner, aproveitam o baixo custo de produção para terceirizarem seus serviços a outras empresas menores do Sudoeste do Paraná como a Krindges e a Pó do Pano.

Desse modo, a exploração em massa da classe trabalhadora nas empresas do Sudoeste dificulta o avanço tecnológico das mesmas; e, para as empresas de São Paulo, é importante a produção em lugares do país onde o custo de reprodução da força de trabalho é mais baixo do que investir em novos processo industriais automatizados.

### **Referências bibliográficas**

- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho**. 6.ed. São Paulo: Boitempo, 2003.
- BASTOS, Luciana Aparecida. **A industrialização do Paraná: uma nova abordagem**. USP/ São Paulo; Diss. Mestrado, 2002.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 32.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

IBGE – Censos industriais de 1970 e 1980; Censos agropecuários entre 1970 e 1995/96; Censos populacionais: 1960, 1970, 1980, 1991, 1996 e 2000.

Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – **Leituras Regionais: Mesorregião Geográfica Sudoeste do Paranaense** / Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Curitiba: IPARDES/BRDE, 2003.

MAMIGONIAN, Armen. Teorias sobre a industrialização brasileira. **Cadernos Geográficos**, n. 2. Florianópolis, 2000. p.7- 46.

MAMIGONIAN, Armem. Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**, s/n. Rio de Janeiro: IBGE, 1965.

MARDER, Anderson. **Ascensão e desenvolvimento da indústria de confecções Latreille de Dois Vizinhos/PR**. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2004. 40p. (Monografia, Bacharelado em Geografia).

OLIVEIRA, Dennison. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná**. Curitiba: Hucitec, 1981.

PRADO Jr., Caio. **História econômica do Brasil**. 34.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

RANGEL, Ignácio. **Recursos ociosos e política econômica**. São Paulo: Hucitec, 1980.

RANGEL, Ignácio. **Questão agrária, industrialização e crise urbana no Brasil**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2000.

Sindicato das Indústrias do Vestuário do Sudoeste do Paraná. **Diagnóstico do Setor da Indústria do Vestuário do Sudoeste do Paraná**. Francisco Beltrão: SINVESPAR, 2004.

Recebido em fevereiro de 2008

Aceito em maio de 2008